

Dr. Tiago Rocha

O Dr. Tiago Rocha é especialista em Endocrinologia e, a sua vasta carreira clínica e experiência profissional incluiu trabalhar, nos seus últimos 18 anos de serviço público, na Maternidade Alfredo da Costa, em especial na Consulta de Diabetes e Gravidez. Foi coordenador do Grupo de Estudos de Diabetes e Gravidez da Sociedade Portuguesa de Diabetologia, entre 2003 e 2008, no âmbito do qual iniciou e desenvolveu um projecto, que acalentava de há muito, de um Registo Nacional da Diabetes Gestacional e da Diabetes Prévia. Foi, recentemente, distinguido com o Prémio Carreira Sociedade Portuguesa de Diabetologia no 18º Congresso Português de Diabetes, que decorreu em Vilamoura, entre 10 a 12 de Março de 2022.

Entrevista conduzida por Carlos Pina e Brito (médico)

RPD – Pode fazer-nos um resumo do seu percurso na Medicina e na Diabetologia, em particular?

Dr. Tiago Rocha – Formei-me na Faculdade de Medicina de Lisboa e, desde o quinto ano de Medicina até ao final da especialidade de Endocrinologia, estive nos Hospitais Civis de Lisboa (atual Centro Hospitalar Universitário Lisboa Central) onde aprendi a ser um clínico e conheci bem a realidade da Medicina hospitalar portuguesa. Nos sete anos seguintes trabalhei como clínico geral no Centro de Saúde de Oeiras onde aprendi a integrar a pessoa, saudável ou doente, numa comunidade. Nos dezoito anos seguintes, porque senti que precisava de um desafio, integrei o quadro da Maternidade Alfredo da Costa (MAC), como Endocrinologista; aí foi-me necessário, de facto, aprender uma outra Endocrinologia que não tinha aprendido num hospital geral: além da Endocrinologia geral trabalhei na área da infertilidade, das endocrinopatias e gravidez e, em especial, da diabetes e gravidez. Na altura, a consulta de diabetes e gravidez da MAC era a maior do nosso país.

RPD – Foi coordenador do Grupo de Estudos de Diabetes e Gravidez da Sociedade Portuguesa de Diabetologia entre 2003 e 2008. Como se tornou coordenador e que atividades desenvolveu durante o seu mandato como coordenador desse Grupo?

Dr. Tiago Rocha – O Grupo de Estudos de Diabetes e Gravidez da Sociedade Portuguesa de Diabetologia (SPD) já existia antes de 2003. Como me tornei seu coordenador, durante esses anos de 2003 a 2008, é uma história interessante. O Dr. Rui Duarte vive aqui perto de mim, costumávamos ir os dois de comboio para trabalhar em Lisboa, e eu, a certa altura, de que me lembro bem, disse-lhe que tinha uma ideia, um sonho, que era

fazer um Registo Nacional da Diabetes Gestacional e da Diabetes Prévia, até porque a Diabetes Gestacional foi tendo sucessivos critérios diagnósticos e, em consequência, era necessário, de facto, fazer um aprofundamento da sua caracterização e abordagem clínicas.

Tivemos essa conversa e depois não voltámos a falar mais nisso. Em 2002, na altura em que era presidente da SPD o D. Luís Gardete Correia e o Dr. Rui Duarte era Secretário-Geral, durante o Congresso Português de Diabetes, convidaram-me ambos para ser coordenador do Grupo de Estudos de Diabetes e Gravidez. Perguntei então o que se esperava de mim como coordenador, e eles, como o Dr. Rui Duarte já conhecia a minha ideia de fazer um Registo Nacional da Diabetes Gestacional e da Diabetes Prévia, disseram-me “tu é que sabes”, ou seja, entregaram-me a iniciativa, e eu decidi desde logo avançar com a implementação do Registo.

RPD – Como se desenvolveu o Registo Nacional da Diabetes Gestacional e da Diabetes Prévia, de que foi o criador e principal impulsionador? Que repercussões tem tido na Diabetologia Nacional, quer a nível da prática clínica, quer a nível da investigação?

Dr. Tiago Rocha – Comecei por apresentar a folha de registo, porque, claro que foi necessário fazer uma folha de registo, numa reunião da SPD em Tomar, em 2003. Fizemos as correções da folha, com a colaboração dos vários colegas presentes; estabeleci de imediato uma rede de contactos, aí é que foi duro. Apesar de trabalhar na MAC e já conhecer bastante bem os colegas, contactá-los todos para me enviarem os dados clínicos de 2003 foi, como pode calcular, um verdadeiro “trabalho de sapa”. Mas, tudo correu bem e, de facto, logo em 2004, pude apresentar os primeiros resultados do Registo numa reunião da SPD. Queria aqui realçar a



aderência entusiástica de muitos colegas ao processo do Registo, mais a mais sendo a participação neste voluntária. Queria também salientar que a implementação do Registo Nacional da Diabetes Gestacional e Diabetes Prévia foi tendo uma aderência crescente. Em relação a este último ponto remeto para um artigo publicado no número de Junho 2022 da Revista Portuguesa de Diabetes*, da autoria das Dras. Maria do Céu Almeida e Luísa Ruas, que faz um levantamento dos últimos dezoito anos do Registo e mostram que temos, até 2020, dados relativos a 44.000 grávidas.* O registo destes dados permitiu, permite e permitirá a elaboração de vários trabalhos, quer clínicos, quer estatísticos, com divulgação em comunicações em congressos e publicações médico-científicas. Também contribuiu e contribuirá para melhorar as recomendações de consenso sobre diagnóstico e tratamento da Diabetes Gestacional, que tiveram a última actualização em 2017**, e fez e fará interessar por esta patologia muitos colegas de várias especialidades: Endocrinologia, Medicina Interna, Obstetrícia, Pediatria, bem como enfermeiros e nutricionistas, marcando certamente a sua formação científica. Muitos colegas viram no Registo uma base para apresentarem trabalhos e fazerem currículo o que, naturalmente, marcou a sua formação.

No passado, o Registo, ajudou a modificar os critérios para iniciar a terapêutica farmacológica e pode contribuir para modificar os critérios de diagnóstico, nomeadamente no primeiro trimestre da gravidez. Portanto, além de ter virtualidades para tirar conclusões orientadoras da prática clínica é também motivador dos colegas no sentido de demonstrar que, sem acionar grandes meios de diagnóstico complicados, é possível fazer estudos clínicos relevantes. Até agora já foi apresentada meia centena ou mais de estudos clínicos efectuados com base nos dados do Registo.

Termino a minha resposta com uma curiosidade: o primeiro artigo, do primeiro número da Revista Portuguesa de Diabetes (Volume 1, Número 1, Março 2006), foi um artigo original intitulado "Registo da Diabetes Gestacional em 2003". *** Na altura, o Dr. Rui Duarte estava a iniciar o projecto da revista científica da SPD, de que foi Director entre 2006 e 2017, e a certa altura perguntou-me se era possível elaborar um artigo sobre o Registo para publicação nesse primeiro número, respondi-lhe que sim e ele disse-me então avança e publica-se já. Foi um gesto bonito, porque ele também já tinha sido o "padrinho" do Registo.

RPD – O que significou para si ser distinguido com o Prémio Carreira da SPD, no último Congresso Português de Diabetes, em Março de 2022?

Dr. Tiago Rocha – Fiquei muito sensibilizado e honrado por este ano ter sido distinguido com o Prémio Carreira da SPD. É um reconhecimento pelos meus pares pela iniciativa de iniciar e implementar o Registo Nacional da Diabetes na Gravidez e Diabetes Prévia. Mas, no contexto de me ter sido atribuído este Prémio, queria sobretudo aproveitar para distinguir todos os colegas que, ao longo dos anos, contribuíram, voluntariamente, com os dados das suas consultas. E, também, ter uma palavra muito especial para com os colegas Dr. Jorge Dores e Dra. Maria do Céu Almeida, que foram os coordenadores do Grupo de Estudos de Diabetes e Gravidez que me sucederam e que, com o seu entusiasmo e dedicação voluntária, fizeram a informatização dos dados do Registo e dinamizaram um novo consenso sobre diagnóstico e tratamento da Diabetes Gestacional, caso do Dr. Jorge Dores, e mantiveram e aumentaram a aderência ao Registo, estimulando a publicação de dados e a divulgação dos novos consensos e sínteses, caso da Dra. Maria do Céu de Almeida.

RPD – Quando olha agora para trás, o que é que considera ser o seu legado profissional?

Dr. Tiago Rocha – O meu principal legado foi sem dúvida o Registo Nacional da Diabetes na Gravidez e Diabetes Prévia. Registrar dados clínicos sistematicamente, estudá-los ao longo do tempo e ver a sua evolução é uma segura fonte de ensinamentos. Os dados pedidos pelo Registo são na sua maioria de índole clínica, não se pedem dados sofisticados e dispendiosos de obter, o que demonstra a importância da clínica na prática médica. Conseguimos, graças à colaboração voluntária de muitos colegas, o maior registo de uma entidade clínica em casuística do nosso país: 44.000 grávidas. É obra e, como já aflorei acima, uma mensagem para os colegas mais novos de que é possível fazer estudos clínicos relevantes sem necessidade de efectuar muitos exames complementares de diagnóstico sofisticados e dispendiosos. Remete também para o início desta entrevista em que digo que aprendi a ser clínico nos Hospitais Cívicos, portanto que a minha formação também foi feita longe de grandes sofisticações em termos de meios complementares de diagnóstico.

RPD – Pode falar-nos um pouco da sua vida pessoal e dos seus hobbies?

Dr. Tiago Rocha – Estou reformado há onze anos, mas mantenho alguma atividade clínica. Mas, além da Medicina, que me apaixonou e apaixonou, tenho outras paixões: História da Arte, História, Artes Decorativas, Antropologia... Em jovem pratiquei basquetebol em grupos informais – não dispensei ver um bom jogo de basquete, andebol, voleibol... também gosto muito de andar a pé. E continuo apaixonado e a sonhar.

*Céu Almeida M, Ruas L, Grupo de Estudos de Diabetes e Gravidez da Sociedade Portuguesa de Diabetologia. Registo Nacional de Diabetes Gestacional: Um Caminho de 18 Anos. Revista Portuguesa de Diabetes. 2022; 17(2): 54-62.

**Sociedade Portuguesa de Diabetologia (SPD), com a colaboração de: Sociedade Portuguesa de Endocrinologia, Diabetes e Metabolismo (SPEDM) Sociedade Portuguesa de Obstetrícia e Medicina Materno-Fetal (SPOMMF) Sociedade Portuguesa de Neonatologia (SPN) Associação Portuguesa de Medicina Geral e Familiar (APMGF) Programa Nacional da Diabetes da Direção Geral de Saúde (DGS) Divisão da Saúde Sexual e Reprodutiva da DGS. Consenso "Diabetes Gestacional": Atualização 2017. Revista Portuguesa de Diabetes. 2017; 12 (1): 24-38

***Rocha T, Ruas L, Dores J, Carvalheiro M. Registo da Diabetes Gestacional em 2003: A Caminho de um Registo Nacional. Revista Portuguesa de Diabetes. 2006; 1(1): 5-10.